

Discurso sobre Marcelo

1. O prolongado silêncio, senhores senadores, de que me valera nos últimos tempos¹, não por algum temor², mas em parte por sofrimento³, em parte por pudor⁴, teve fim com o dia de hoje, que representou, ao mesmo tempo, o ponto de partida para eu dizer o que quero e o que penso⁵, segundo meu antigo costume. É que não posso de modo algum deixar passar em silêncio tamanha brandura, essa clemência de tal modo inédita e inaudita, tamanho comedimento em meio ao poder supremo sobre todas as coisas⁶, enfim, uma sabedoria tão incrível e quase divina. 2. É que, com a restituição de Marco Marcelo a vós, senhores senadores, e à República, considero restabelecidas e preservadas para vós e a República minha própria voz e autoridade, não apenas as dele. De fato, eu sofria, senhores senadores⁷, e angustiava-me profundamente, ao ver um homem tal, apesar de defender a mesma causa que eu, não compartilhar da mesma sorte; não me podia convencer, nem considerava justo, que nos entregássemos à nossa antiga conduta, enquanto aquele rival e imitador de minhas aspirações e obras⁸ era de mim — ele que era uma espécie de aliado e companheiro — separado. Portanto, Gaio César, tu desobstruíste para mim as atividades, até então impedidas, de minha antiga

¹ Muitos comentadores (Watts (1931, p. 417); Ruch (1966, p. 41); Bellardi (1978, p. 88, n. 2); Tedeschi (2015, p. 39)) observam que tal silêncio, de cerca de seis anos, começara com o proferimento da *Defesa de Milão*, em 52. Embora este tenha sido, de fato, o último discurso publicado por Cícero desde então, há registro de pelo menos seis outros discursos proferidos (e ao que tudo indica não publicados) posteriores àquele: *Defesa de Saufeio I e II* (TLRR 313-314); *Defesa de Séstio* (TLRR 323); *Defesa de Dolabela I e II* (TLRR 316-317) e *Acusação de Tito Múncio Planco Bursa* (TLRR 327). Referências da atuação de Cícero no ano de 52 em <http://www.tulliana.eu/ephemerides/frames.htm>. Dos comentadores consultados, apenas Gotoff (1993, p. 12) aponta a imprecisão, embora fale de apenas três discursos, evidentemente pensando nos três casos em questão.

² Tal esclarecimento, sobretudo no exórdio do discurso, é fundamental para não alienar César ou causar-lhe ofensa. Para uma exposição da questão da ansiedade causada entre os pompeianos perdoados em relação a possíveis reações negativas de César a seus escritos, leia-se Hall (2009).

³ O sofrimento pode referir-se à sorte da República no pós-guerra civil e à dos pompeianos mortos em combate ou exilados de Roma.

⁴ Cícero parece aludir aqui ao fato de que, como ex-pompeiano e perdoado de César, talvez não fosse decoroso tomar a palavra num senado dominado pela figura do vencedor da guerra civil; pode aludir também ao fato de sentir-se constrangido por gozar de uma sorte de que outros pompeianos ainda no exílio, como Marcelo, não compartilhavam.

⁵ Com esta observação já no exórdio do discurso, Cícero estabelece a franqueza como suposto critério de seu discurso. Mais do que uma mostra de sinceridade, porém, tal observação, juntamente com outras que serão acrescentadas ao longo do discurso, serve de instrumento para a criação de um *efeito de franqueza*. Tal efeito é fundamental para conferir credibilidade ao discurso e autoridade ao orador.

⁶ De acordo com Ruch (1966, p. 42), seguindo talvez Fausset (1893, p. 11), em *in summa potestate rerum omnium modum*, *rerum omnium* estaria ligado a *modum*, não a *potestate*. De acordo com tal interpretação, teríamos a tradução “em meio ao poder supremo, o comedimento em todos os aspectos”. Uma interpretação mais equilibrada sugere, porém, que 1) a frase é ambígua no original; e 2) se o português nos obriga a escolher uma solução, a mais plausível é a aqui adotada, por conta da ordem das palavras: o leitor primeiro lê, na sequência, *in summa potestate rerum omnium*, e só então *modum*. Só uma releitura, *se houver*, é que possibilitará a interpretação de Ruch.

⁷ É de notar que Cícero dirige-se três vezes aos colegas senadores, antes de se voltar para César.

⁸ Este profundo alinhamento ideológico é enfatizado por Cícero em outras obras.

vida, e deste a todos aqui presentes como que um sinal⁹ de que devemos nutrir boas esperanças sobre a República¹⁰.

3. Realmente, ficou claro para mim, e há pouco para todos, que em muitos casos, e principalmente no meu próprio, quando admitiste Marco Marcelo no Senado e na República, sobretudo após recordar suas ofensas¹¹, preferiste a autoridade desta Ordem¹² e a dignidade da República a teus ressentimentos e suspeitas¹³. No dia de hoje, ele colheu de todos o fruto maior de sua vida pregressa, tanto pelo consenso absoluto do Senado¹⁴ como por tua tão importante e séria decisão. Baseado nisso, com certeza entendes quão grande mérito há neste favor concedido, quando tamanha glória há em sua aceitação. 4. É verdadeiramente afortunado aquele cuja salvação despertará uma alegria tão grande em todos os demais¹⁵ quanto a que que ele mesmo está prestes a sentir¹⁶. Isso certamente lhe coube por mérito e pelo seu mais legítimo direito¹⁷. De fato, quem o supera, seja na origem nobre, na honradez, no estudo das artes liberais*, na integridade ou em qualquer outro tipo de louvor?¹⁸

A ninguém é dada tamanha riqueza de engenho, a ninguém é dada tamanha capacidade, tamanhos recursos para falar ou escrever, que possa, não direi adornar, mas sequer narrar, Gaio César, teus feitos. Contudo, afirmo — e o direi com todo o respeito a ti — que dentre eles não há maior honra do que essa que alcançaste no dia de hoje¹⁹. 5. Costumo muitas vezes imaginar e ter o gosto de usar como tópico frequente de conversa a ideia de que nem mesmo todos os feitos de nossos comandantes, todos os feitos das populações estrangeiras e dos povos mais poderosos, todos os feitos dos reis mais ilustres podem-se comparar aos teus, seja pela grandeza das disputas, pela quantidade de batalhas, pela variedade de locais de combate²⁰, pela rapidez em pôr fim às guerras ou por sua natureza diversa, e nem mesmo era possível que terras tão apartadas fossem percorridas

⁹ “Dar o sinal” (*signum tollere*) era jargão militar, referindo-se ao sinal que o comandante dava às tropas para preparar-se para o combate iminente. Aqui, a expressão é usada como metáfora, adequada para a situação pós-guerra civil e para dirigir-se ao *imperator* César. Pode-se lê-la também como ironia da parte de Cícero.

¹⁰ Na carta a Sêrvio Sulpício Rufo em que relata esta sessão do Senado, Cícero menciona a “aparência, por assim dizer, do renascimento da República” (*Fam.* 4.4.3).

¹¹ Em *Fam.* 4.4.3, Cícero relata a Sulpício Rufo que César, antes de conceder o perdão a Marcelo, recriminara a *acerbitas* (“aspereza”, “dureza” e mesmo “crueldade”) do republicano para com ele.

¹² Ou seja, o Senado.

¹³ Suspeitas, como Cícero tratará adiante, de que os pompeianos perdoados (logo, também Marcelo) poderiam tramar contra sua vida.

¹⁴ Cf. *Cic. Fam.* 4.4.3 (menção à súplica de *todo o Senado* a César pelo perdão de Marco Marcelo).

¹⁵ Especificamente ao membro da família presente à sessão, Gaio Marcelo, primo de Marco Marcelo e promotor inicial do pedido de perdão a César; a seus amigos, como Cícero; e, de maneira geral, ao Senado e a Roma como um todo, como se depreende do contexto (cf. 2: “com a restituição de Marco Marcelo a vós, senhores senadores, e à República”). Cícero desconsidera, evidentemente, a parcela cesarista do Senado, que poderia, tal como César, ver com maus olhos o perdão de Marcelo e de ex-pompeianos em geral.

¹⁶ Na carta em que agradece a Cícero pelo empenho junto a César nesta sessão do Senado e pela concessão do perdão, Marcelo não se mostra tão efusivo como seria de esperar.

¹⁷ Observação ousada, já que o *ius belli*, pelo menos em teoria, garantia a César o direito de decidir a seu critério o destino dos perdedores na guerra civil.

¹⁸ O louvor a Marcelo contrapõe-se à reprimenda que, segundo Cícero, na carta a Sulpício Rufo, César teria feito da conduta do cônsul de 51 antes de conceder-lhe o perdão.

¹⁹ Com o perdão de Marcelo.

²⁰ Durante seu proconsulado, na década de 50, César lutara na Gália e na Bretanha. Durante a guerra civil, lutou na Grécia, no Egito, na África Setentrional, na Ásia Menor e na Hispânia.

pelos passos de alguém com mais rapidez do que foram iluminadas, não direi por tuas jornadas, mas por tuas vitórias. 6. É certo que, se eu não admitisse que tais feitos são tão grandiosos que mal poderiam ser concebidos pela inteligência ou pelo pensamento de alguém, seria louco²¹; no entanto, há outros ainda mais grandiosos. Realmente, certas pessoas²², ao referir-se às honras militares, têm por costume diminuí-las, subtraí-las aos comandantes, compartilhá-las com muitos outros, para que não sejam exclusividade dos generais²³. E a verdade é que são muito úteis, no exército, a bravura dos soldados, uma posição vantajosa, as tropas auxiliares dos aliados, as esquadras e as provisões. Ademais, a Fortuna reclama para si, como que por direito próprio, sua parte mais importante, considerando praticamente seu tudo aquilo que ocorreu de favorável²⁴. 7. Por outro lado, para essa glória, Gaio César, que há pouco conquistaste²⁵, não tens sócio algum: tudo isso é — seja qual for a sua importância, e certamente é enorme —, tudo isso é, repito, teu. Dessa honra, nada toma para si o centurião, nada toma o oficial, nada toma a coorte, nada toma o esquadrão de cavalaria. Além disso, a própria Fortuna, senhora das questões humanas*, não se apresenta para compartilhar tal glória. Ela a cede a ti, admite que ela é inteira e exclusivamente tua. É que nunca a impetuosidade se mistura à sabedoria, nem se admite o acaso numa tomada de decisão. 8 Subjugaste povos de bárbara selvageria, de incontável número, de imensuráveis territórios, de abundantes recursos de toda espécie. No entanto, venceste aquilo que tinha não só a natureza, mas também as condições propícias à derrota, pois não há poder tão grande que não possa ser enfraquecido e aniquilado pela força e pela espada. Vencer a própria inclinação, conter a cólera, poupar um derrotado, não apenas reanimar um adversário de notável origem, inteligência e valor, quando abatido, mas ainda engrandecer seu prestígio de outrora — quem assim o faz, eu não o comparo com os maiores homens, mas o considero muito semelhante a um deus. 9. Dessa maneira, Gaio César, tuas honras militares serão certamente celebradas não apenas nas letras e língua latinas, mas praticamente nas de todos os povos, e nenhuma geração jamais calará diante de tuas honrarias. Contudo, por algum motivo, feitos dessa natureza, ainda quando lidos, parecem abafados pelo clamor dos soldados e pelo som das trombetas. Por outro lado, quando ouvimos dizer ou lemos que algo foi feito com clemência, brandura, justiça, moderação, sabedoria — sobretudo em meio à cólera, que é inimiga da sensatez, e à vitória, que por natureza é altiva e soberba —, somos tomados por tal ardor, não apenas no caso de feitos reais, mas também no de fictícios²⁶, que muitas vezes sentimos apreço por quem nunca vimos!

10. Quanto a ti, a quem contemplamos em pessoa, de quem percebemos tal inteligência, sensibilidade e postura, que desejas ver salvos quaisquer resquícios que a Fortuna da guerra tenha deixado à República, com que louvores exaltaremos? Com que ardor acompanharemos? Com que benevolência acolheremos? Valha-me Júpiter, as paredes desta Cúria, pelo que me parece, anseiam

²¹ Retoricamente, tal observação de Cícero serve para reforçar o efeito de sinceridade de suas palavras: independentemente de ter tomado o partido de Pompeu na guerra civil, os feitos bélicos de César teriam uma objetividade incontestável, e Cícero, ao louvá-los, faz apenas o que cabe a uma pessoa sã fazer.

²² Repare-se no tato de Cícero: ao apresentar um argumento delicado, mas fundamental para seus objetivos no discurso, atribui-o a terceiros. A estratégia, claro está, é não alienar seu principal ouvinte, César, nem causar-lhe ofensa.

²³ A motivação implícita de tal atitude, deduz-se, seria inveja.

²⁴ O tato de Cícero não se restringe a atribuir este argumento a terceiros: é muito provável que estivesse ciente de que o próprio César, em seus apontamentos, confere papel preponderante à Fortuna na guerra.

²⁵ Uma vez mais Cícero refere-se ao perdão a Marcelo.

²⁶ Possível referência a exemplos mitológicos, encontrados sobretudo em textos poéticos de variados gêneros (épica, tragédia, lírica, elegia, por exemplo).

agradecer-te, porque em breve aquela Autoridade²⁷ se encontrará na morada de seus ancestrais e na sua própria²⁸. De minha parte, quando há pouco presenciei convosco as lágrimas de Gaio Marcelo²⁹, um homem excelente e dotado de notável devoção familiar, tomou-me o peito a memória de todos os Marcelos, aos quais, mesmo mortos, devolveste a dignidade com a preservação de Marco Marcelo, salvando sua tão nobre família, reduzida já a poucos*, quase da extinção. 11. Tens plena razão de preferir este dia às tuas enormes e incontáveis causas de satisfação. É que este gesto é característica particular de Gaio César: os demais feitos, executados sob teu comando, são grandiosos, é verdade, mas contaram com o apoio de um séquito numeroso e considerável. Desta ação, por outro lado, tu és ao mesmo tempo comandante e companheiro. Ela é realmente tão grandiosa, que o tempo porá fim a teus troféus e monumentos — pois não há obra feita pelas mãos que a posteridade não esgote e consuma —, 12. mas tua justiça e brandura florescerão mais e mais, a cada dia. Assim, quanto mais o tempo subtrair a tuas obras, mais conferirá a teus louvores. E é certo que já antes venceras todos os outros vencedores de guerras civis em equidade e misericórdia³⁰; no dia de hoje, porém, venceste a ti mesmo*. Receio que o que estou prestes a dizer, ao ser ouvido, possa não ser entendido tal como eu mesmo, ao pensar, o sinto: pareces ter vencido a própria vitória, quando devolveste aos vencidos o que ela lhes tomara³¹. De fato, embora fosse justo, pelos próprios termos da vitória, que todos nós tivéssemos sido mortos depois de vencidos, fomos preservados pelo discernimento de tua clemência. É correto, portanto, que sejas o único invencível, tu que derrotaste até os termos intrínsecos à própria vitória.

13. Além disso, senhores senadores, percebi a vasta aplicação desta decisão de Gaio César: todos nós, que fomos compelidos àquela guerra por algum destino deplorável e funesto à República, embora tenhamos alguma responsabilidade por um erro humano, certamente estamos absolvidos de um crime³². É que quando, em resposta ao vosso pedido, preservou Marco Marcelo para a República, e quando, sem pedido algum, restituiu-me tanto a mim mesmo como, igualmente, à República, e tantos outros homens eminentíssimos — de quem podeis observar, nesta reunião, não só a assiduidade, mas também a dignidade— tanto a si mesmos como à pátria, ele não conduziu inimigos para a Cúria, mas considerou que a maioria empreendera uma guerra mais por ignorância e por um medo enganoso e vazio do que por ambição ou crueldade. 14. Nessa guerra, por sinal, sempre considerei que era preciso dar ouvidos às intervenções pela paz, e sempre me causou dor que se repudiasse não apenas a paz, mas também o discurso de quem demandava a paz. De fato, nunca tomei parte nem daquela nem de qualquer outra guerra civil*, e minhas resoluções sempre estiveram associadas à paz e à toga, não à guerra e às armas*. Acompanhei um homem por um dever pessoal, não público*; e tamanho poder teve sobre mim a recordação fiel de um espírito grato que, sem nenhum tipo de ambição ou mesmo de esperança, lancei-me numa espécie de ruína

²⁷ “Autoridade” é aqui usado metonimicamente em lugar quem a possui, Marcelo.

²⁸ Marco Marcelo não retornaria a Roma, porque, na viagem de volta, seria assassinado em maio do ano seguinte, em Atenas, conforme relato de Sêrvio Sulpício Rufo, por motivos desconhecidos.

²⁹ O primo de Marco Marcelo, que interviera junto a César por seu perdão.

³⁰ Cícero alude a Mário, Cina e sobretudo a Sula, que encerrara a guerra civil, na década de 80, com as proscricções de seus inimigos. César, em contrapartida, adotara, segundo sua própria formulação, uma *nova ratio vincendi*, caracterizada pela política de misericórdia em relação aos vencidos.

³¹ Como sempre, Cícero tem o tato e o cuidado de não ofender ou alienar César, atribuindo à vitória o que poderia com justiça ser atribuído ao próprio ditador. Citar explicação de Ruch 1985 para esta observação.

³² Sendo a ausência de responsabilidade na guerra civil um bom pretexto para que César conceda futuramente o perdão aos pompeianos que ainda continuam no exílio, Cícero, muito sagazmente, argumenta, não que os pompeianos foram vítimas do destino, o que jogaria a culpa sobre os cesaristas, mas que *ambos os lados* o foram, isentando igualmente a facção cesarista. Poderíamos falar de uma verdadeira “moeda de troca”: o orador como que reconhece e legitima o novo “regime”, mas em troca pede uma anistia geral. O pedido tem maior força por ser apresentado como fato.

voluntária, com consciência e conhecimento de causa*. 15. Quanto à minha resolução, ela não foi nem um pouco obscura: fiz vários discursos pela paz nesta Ordem enquanto a situação ainda estava indefinida*, e durante a própria guerra permaneci na mesma convicção, mesmo sob risco de vida*. Consequentemente, nenhum crítico da situação será agora tão injusto a ponto de questionar a intenção de César na guerra, visto que ele imediatamente decidiu preservar os defensores da paz*, enquanto com os demais foi um pouco mais colérico*. Por outro lado, talvez isso não fosse tão admirável num momento em que o desfecho era incerto e a fortuna da guerra, duvidosa; o vencedor que estima os defensores da paz, porém, demonstra claramente que teria preferido não lutar a vencer. 16. Ademais, sou testemunha disso no caso de Marco Marcelo: nossas ideias sempre estiveram em sintonia tanto na paz como na guerra. Quantas vezes o vi, e com que dor, temeroso da insolência de certas pessoas, bem como da brutalidade da própria vitória! É por isso, Gaio César, que nós, que presenciamos aquilo, devemos ser mais gratos ainda por tua generosidade, já que agora não cabe mais comparar os pretextos de guerra*, mas as vitórias*. 17. Vimos a tua vitória concluída com o encerramento das batalhas; não vimos vazia, na Cidade, a bainha da espada. Os cidadãos que perdemos, foi o poder de Marte que os abateu, não a ira da vitória, de modo que ninguém deve duvidar que, se pudesse, Gaio César traria muita gente de volta dos mortos, visto que preserva daquelas mesmas fileiras tantos quanto consegue. Quanto à outra facção, não digo mais do que o que todos receávamos: a vitória teria sido por demais colérica. 18. De fato, certas pessoas ameaçavam não apenas quem pegara em armas, mas por vezes até quem permanecera neutro*; e afirmavam ser preciso considerar não a convicção de cada um, mas sua localização*. Daí que, mesmo depois de aplicar um castigo ao povo romano por alguma transgressão, ao provocar tamanha e tão dolorosa guerra civil, os deuses imortais, quer já aplacados, quer enfim saciados, pareçam ter confiado toda a esperança de salvação à clemência e ao bom-senso do vencedor.

19. Por isso, goza desse teu bem tão distinto e desfruta de tua boa fortuna e glória, bem como de tua natureza e caráter, que resultam em enorme utilidade e prazer para o sábio. Quando te recordares de teus demais feitos, mesmo que te alegres incontáveis vezes com tua bravura, na maior parte dos casos te regozijarás com tua boa sorte*; sempre que pensares em nós, que quiseste contigo na República³³, também pensarás em teus benefícios tão grandiosos, em tua generosidade inacreditável, em tua singular sabedoria: tais qualidades não são apenas os maiores bens, mas, ousarei dizê-lo, seguramente os únicos*. Pois tamanha magnificência há na verdadeira honra, tamanho prestígio na grandeza de espírito e de resolução, que estes parecem ser presentes da Virtude, os demais, concessões da Fortuna. 20. Não te canses, portanto, de preservar os homens de bem, sobretudo os que vacilaram não por alguma ambição ou defeito moral, mas por uma concepção de dever tola, talvez, sem dúvida não desonesta, e por certa imagem da República, pois nenhuma culpa tens se alguns sentiram medo de ti; em contrapartida, é tua máxima honra o terem percebido que nada tinham a temer.

21. Passo agora a tratar de tua queixa tão séria* e tua suspeita tão pesada*, a que não só tu debes atentar, mas todos os cidadãos, e principalmente nós, que fomos preservados por ti. Mesmo tendo esperança de que tal suspeita seja falsa, nunca a minimizarei, pois a tua precaução é a nossa precaução. É que, se tivesse de cometer um dos dois erros, preferiria ser excessivamente temeroso a pouco prudente. Mas quem é essa pessoa tão louca? Algum dos teus? Ora, mas quem é mais dos teus do que aqueles a quem devolveste uma salvação inesperada? Ou algum dos que te acompanharam? Impossível acreditar que haja tamanha loucura em alguém, a ponto de considerar mais importante a própria vida do que a do general que o comandara em todas as suas conquistas supremas*. Ou, se os teus não planejam crime algum, será preciso precaver-se para que os inimigos não o façam? Quais?, se todos que o foram ou perderam a vida por sua obstinação, ou a

³³ Em Cícero, Marco Marcelo e nos demais pompeianos perdoados.

preservaram por tua misericórdia*, de modo que ou não te resta inimigo algum, ou aqueles que o foram são agora teus maiores amigos. 22. No entanto, como o espírito humano abriga refúgios tão recônditos*, aumentemos, concedo, tua suspeita: aumentaremos, ao mesmo tempo, nossa cautela. Ora, quem é tão desconhecedor de toda a situação, tão inexperiente na vida pública, tão profundamente negligente não apenas com a própria salvação, mas também com a de todos, a ponto de não compreender que sua própria salvação está ligada à tua, e que da vida de uma única pessoa — da tua! — depende a de todos? De minha parte, quando reflito dia e noite sobre ti — como é meu dever* —, assusto-me não só com as vicissitudes humanas, mas também com os desdobramentos incertos da saúde e a fragilidade de nossa natureza comum; e causa-me dor que a República, que deveria ser imortal, assente sobre a vida de um único mortal*. 23. Contudo, se às vicissitudes humanas e às perturbações incertas da saúde acrescenta-se ainda a propensão comum ao crime e à perfídia, acreditaremos na possibilidade de que deus socorrer a República, ainda que o queira?

Cabe a ti, Gaio César, unicamente*, avivar tudo o que percebes estar destruído e arruinado pelo chão pela impetuosidade da própria guerra, como era forçoso*: é preciso restabelecer os tribunais*, retomar o crédito*, reprimir os desejos*, multiplicar a população*; e conter com leis severas tudo o que já se dissipou e se perdeu*. 24. Não havia como negar que, em meio a tamanha guerra civil, a tamanho ardor nos ânimos e nas armas, qualquer que fosse o resultado da guerra, a República, debilitada, perderia grande parte tanto das distinções de sua dignidade* como dos sustentáculos de sua estabilidade*; e que ambos os comandantes, em armas, cometeriam muitos atos que, em trajes civis, teriam eles mesmos proibido*. Na verdade, cabe agora a ti tratar todas essas feridas de guerra, que ninguém além de ti pode curar. 25. Daí minha contrariedade ao ouvir aquelas tuas tão célebres e sábias palavras: “Já vivi o bastante, seja para a natureza, seja para a glória”. O bastante , se assim desejas, talvez para a natureza; acrescento ainda, se te apraz*, para a glória; para a pátria, porém, que é o que mais importa, certamente pouco. Por isso, deixa de lado, por favor, essa sensatez própria de eruditos em desdenhar a morte: não banques o sábio a nosso risco! De fato, não raro chega a meus ouvidos que andas o tempo todo a repetir que já viveste o bastante para ti mesmo. Eu acredito, mas daria ouvidos a isso apenas se vivesses unicamente para ti, ou ainda se tivesses nascido unicamente para ti. Teus feitos abarcaram a salvação de todos os cidadãos e da República inteira: estás tão longe de completar tuas obras mais importantes, que ainda não lançaste os alicerces daquilo que planejas. A esta altura, definirás a extensão de tua vida não pela salvação da República, mas pela tranquilidade de espírito? Mas e se isso não bastar sequer para tua glória? Não hás de negar que és extremamente ávido de glória, ainda que sejas sábio. 26. “Abandonaremos, então, as obras de pouca monta?” — perguntarás. Na verdade, para os demais, ainda que muitos, são o bastante, apenas para ti são de pouca monta. De fato, qualquer obra que exista, por mais magnífica que seja, é de pouca monta para ti, quando existe algo mais vasto. É que, Gaio César, se a consequência de teus feitos imortais tivesse sido que, depois de selares a vitória sobre teus adversários, deixasses a República no estado em que agora se encontra, cuida, por favor, para que teu divino valor não venha a te proporcionar mais admiração do que glória, se é verdade que glória é uma fama célebre e disseminada, advinda dos grandes serviços prestados aos concidadãos, à pátria ou a toda a espécie humana*. 27. Portanto, resta-te este papel, falta-te este ato*; debes aplicar teus esforços para organizar a República e, acima de tudo, dela desfrutar na mais absoluta paz e tranquilidade. Se quiseres, só depois de pagar à pátria o que debes e de satisfazer à própria natureza com a saciedade de viver, vem então dizer que viveste o bastante. Ora, que sentido sequer tem a expressão “o bastante” quando há um final? Quando ele chega, todo o prazer passado vale nada, já que não haverá outro em seguida*. Contudo, esse teu espírito nunca se contentou com os limites concedidos pela natureza para a vida, sempre ardendo de desejo pela imortalidade*. 28. E a verdade é que não debes considerar como tua vida esta que é composta de corpo e respiração. Tua vida é aquela, sim, aquela que sobreviverá na memória de todos os séculos, que a posteridade fortalecerá,

que a própria eternidade sempre guardará. É a esta que cumpre estares sujeito, é a esta que cumpre te revelares — se já há tempos ela tem muito a admirar, agora espera também algo para louvar. Seguramente as gerações futuras pasmarão quando ouvirem e lerem sobre os teus comandos, as províncias*, o Reno, o Oceano, o Nilo*, as tuas incontáveis batalhas*, as tuas inacreditáveis vitórias*, os monumentos*, os jogos públicos*, os triunfos*. 29. Porém, a não ser que esta cidade se estabilize com tuas resoluções e leis, teu nome apenas vagará por toda parte, sem morada certa ou domicílio fixo. Mesmo entre os que ainda estão por nascer haverá, tal como houve entre nós, uma grande divergência: uns, com seus louvores, elevarão teus feitos aos céus; outros, se não apagares o incêndio da guerra civil com a salvação da pátria, sentirão, talvez, falta de algo — e do mais importante, por sinal —, parecendo, assim, ter havido, no primeiro caso, obra do destino, no segundo, de deliberação. Sujeita-te, assim, aos juízes que te julgarão daqui a muitos séculos, e talvez com mais isenção do que nós, já que te julgarão sem afeição ou interesse, bem como, por outro lado, sem ódio ou inveja. 30. E ainda que isso, como consideram alguns equivocadamente, não te diga respeito, agora te concerne, sim, adotar uma postura que jamais permita que o esquecimento obscureça tuas honras.

Opostas eram as vontades dos cidadãos, diferentes os seus pensamentos, pois divergíamos não só em desígnios e interesses, mas também em armas e acampamentos. É que havia certa obscuridade, havia uma disputa entre comandantes ilustríssimos; muitos perguntavam-se o que seria melhor, muitos o que lhes seria vantajoso, muitos o que era conveniente, alguns ainda o que era lícito. 31. A República suportou esta guerra infeliz e funesta; venceu aquele que não inflamou o seu ódio pelo êxito, mas o abrandou pela bondade, não julgando dignos do exílio ou da morte todos aqueles com quem estava furioso. As armas foram depostas por uns, arrancadas por outros. Ingrato e injusto é o cidadão que, livre do perigo das armas, mantém ainda seu ânimo armado, chegando a ser melhor aquele que sucumbiu na batalha, que deu seu último suspiro pela causa. De fato, o que a alguns pode parecer obstinação, a outros pode parecer constância. 32. Todo o dissenso, porém, já foi debilitado pelas armas, destruído pela equidade do vencedor: resta que todos os que têm não apenas alguma sabedoria, mas também bom-senso, tenham uma mesma vontade. A não ser que tu, Gaio César, estejas salvo e permaneças nessa determinação de antes e, sobretudo, de hoje, não podemos estar salvos. Por isso, todos nós, que desejamos ver tudo isto aqui salvo, exortamos-te e suplicamos-te que veles por tua vida, por tua saúde; e, como consideras haver no ar algo contra o qual cumpra precaver-se, todos nós — para falar também em nome dos demais o que penso a meu próprio respeito — prometemos-te não apenas vigilância e guarda, mas também a proteção de nossos flancos e corpos.

33. Ora, para encerrar o discurso no mesmo ponto em que começou, todos agradecemos imensamente a ti, Gaio César, e maior ainda é a gratidão que temos. De fato, todos sentem o mesmo, como pudeste perceber pelos pedidos e lágrimas gerais. E como nem todos os presentes precisam discursar, certamente desejam que eu discurse, a quem de certa maneira isso é forçoso*; e o que convinha acontecer, ao restituíres Marco Marcelo a este Senado, ao povo romano e à República, entendo já estar acontecendo, pois percebo que todos se alegram não pela salvação de uma única pessoa, mas pela de todos. 34. Ora, certamente neste momento, livre de grandes preocupações, doenças e sofrimentos, devo me sobressair no que diz respeito à extrema afeição — minha afeição em relação àquele sempre foi do conhecimento de todos, de modo que apenas a de seu excelente e amoroso primo, Gaio Marcelo me superava, e a de ninguém mais aparte a dele — uma vez que o demostrei com minha inquietação, preocupação e esforço durante todo o período em que se duvidou de sua salvação.

Assim, Gaio César, agradeço-te, pois, apesar de me teres preservado e conferido distinção em todos os aspectos, aconteceu algo que já considerava impossível: com teu feito, deste aos incontáveis serviços que prestaras a mim um grandioso desfecho.